

13ª Semana de Ciências sociais – Puc-Rio

Proposta de resumo – GT 4- Direito a Educação

André Gomes¹

Relações étnico raciais no ambiente escolar: provocações pertinentes.

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar um conjunto de estudos realizados entre os anos de 2018 até os anos de 2023, onde a questão étnico racial, tendo como base questões ligadas a raça, gênero equidade, foram desenvolvidas em escolas públicas por Professores(as) Negros(as), LGBTQI+, em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros, procurando entender, através da investigação, como estes assuntos atravessavam o ambiente escolar, e que tipo de ações poderiam ser propostas que ajudasse a disseminar o debate sobre raça, gênero e equidade. Neste sentido, o espaço de produção de conhecimento que abraçou esse projeto de pesquisa foi Universidade Internacional das periferias (UNIPERIFERIAS), em parceria com o Instituto Unibanco que ao longo desses anos de estudos, mostrou-se profundamente interessado em inserir em seu banco de dados, mais informações sobre educação a temática étnico racial.

Palavras chave: Raça, Gênero, Educação

¹ Sociólogo, Doutor em Ciências Sociais pela Puc Rio, Consultor pelo MJSP-PNUD- Pesquisador associado pela Uniperifeiras e Professor de Sociologia.

I- Introdução

I.II Breve reflexão sobre a questão racial e de gênero.

A questão racial no Brasil apresenta historicamente peculiaridades que muitas vezes não são identificadas imediatamente, principalmente quando as mesmas se dão no cotidiano da nossa sociedade. A “proximidade” dos relacionamentos, principalmente em uma cidade como o Rio de Janeiro, deixa a impressão equivocada de que a exclusão pela cor da pele, seja algo pouco substancial, deixando mais evidentes problemas sociais devido a gritante desigualdade apresentada pela cidade, principalmente quando nos deparamos com uma morfologia que se constitui de favelas e periferias em qualquer canto da grande metrópole. Cenário que se mistura a outras arquiteturas que apresentam também outros padrões de vida e é claro, outras cores, outros grupos étnicos.

A discussão sobre a questão de gênero não é somente um problema da sociedade brasileira, traz historicamente problemas clássicos como por exemplo o papel do homem e da mulher. Quem pode ou não fazer, viver, ter prazeres etc., entretanto, além desta questão tão antiga ainda não ter sido resolvida, nos deparamos hoje com outras questões que vem se juntar a esta. Hoje temos uma geração que pensa vive sua sexualidade das formas mais diferentes e complexas possíveis. As identidades fixas diluíram-se, trazendo outras possibilidades que para muitos são obscuras, mas que para essa nova geração pode estar se configurando talvez como liberdade, dúvida, rupturas que tanto devem ser discutidas com esses que vivem tal experiência e principalmente com aqueles que estranham tais comportamentos. Neste sentido, a junção da cor da pele, isto é, do grupo étnico com a dúvida de como existir, se posicionar no mundo, traz uma tamanha complexidade que precisa ser investigada nos primeiros ambientes de convívio fora da casa que seria então as escolas.

II- O contexto : a origem das provocações

No ano de 2018, no território da Maré, surge a Universidade Internacional das Periferias A UNIPERIFERIAS. Neste sentido, tem como razão para sua existência a criação de uma massa crítica de especialistas, em variadas linguagens e ações, das periferias brasileiras e internacionais, capazes de compreender e intervir em suas realidades. Tem como base as reflexões de Silva e Barbosa(2001), sobre o conceito de potenciais das periferias, onde os autores entendem que, para além da adversidades, os territórios de favelas são capazes de se apresentarem como territórios inventivos, marcados por profunda potencialidade, criatividade e capazes também de contribuir com novas formas de convivência. Por outro lado, a questão racial e de gênero, atravessada por questões territoriais e da educação, serão uma das referências que ajudarão na construção da identidade desta instituição, comprometida em promover territórios e corpos periféricos.

Por este motivo, o projeto Pesquisadoras e Pesquisadores em Educação Básica se constituiu como o ponto de encontro que une territorialidade, potência, educação e a questão étnico racial. No entanto, o termo “Pesquisa” e “Pesquisador/ no contexto dos(as) pesquisadores negros(as) são na verdade ressignificados. Neste caso não se trata da tradicional representação de indivíduos isolados em si, dissociados da realidade que investigam, e dedicados a estudarem fenômenos, naturais ou sociais, como “objetos “de interesse. Está se falando aqui de sujeitos, sujeitas atuantes no mundo, que buscam construir uma forma de ação em um território escolar específico, em conjunto com os seus atores constituintes, que elaboram e materializam uma metodologia e, no processo, a sistematizam, analisam e avaliam.

O projeto Pesquisadores(as) Negros na educação básica, apresenta como produto, pesquisas desenvolvidas, alimentadas e modificadoras da realidade na qual se inserem. Essas realidades não são abstratas, mas constituídas de marcas territorializadas (Haesbaert;2004). Estamos falando de questões ligadas a adolescentes e jovens, em geral negros, periféricos e empobrecidos, que têm no universo destes pesquisadores(as) sua principal sede de conhecimento, sendo estes também, oriundos de territórios periféricos, negros, negras, LGBTQI+, dispostos a serem aqueles que irão refletir, escrever e discutir sobre seus próprios territórios e realidades, assumindo o lugar de

referência no trato sobre educação e relações étnico raciais. Desta forma, a construção de conhecimentos consequentemente produz uma resignificação territorial e dos próprios sujeitos e sujeitas, fortalecendo o que Silva e Barbosa chamam Potência das periferias.

III- O começo das produções intelectuais periféricas

No ano de 2018 a Universidade Internacional da Periferias elabora um edital convocando Professores e professoras, negros, negras LGBTQI+ que estivessem interessados em estudar seus territórios e suas escolas a partir da temática: Raça, gênero e equidade. Neste sentido, nove pesquisadores foram selecionados, financiados pelo Instituto Unibanco para tratar da questão, a partir dos projetos que foram selecionados. Assim, projetos de pesquisa do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador foram selecionados. Todo o grupo passou por um processo de formação intenso onde as questões que movem a UNIPERIFERIAS foram compartilhadas ao longo de duas semanas de imersão. Após este processo, cada pesquisador retornou para seus territórios e foram estudar suas escolas a partir das questões propostas em seus projetos de pesquisa. Vamos ver no ano de 2018 as produções de conhecimentos desenvolvidas.

Marinazia dos Santos e Max Willa, desenvolveram no território de Campo Grande a pesquisa sobre Currículo e projeto político pedagógico; programa de experimentação, transgressão e potência das periferias. Marinazia e Max estudaram os corpos transgressores dentro da escola pública, onde a questão da normatividade, exclui a possibilidade de se entender como outros corpos são possíveis dentro do ambiente escolar e como a naturalização de hábitos e comportamentos constroem relações deterministas. Por outro lado, no território de Brás de Pina, zona norte do Rio de Janeiro, Ana Beatriz estudou a questão da escola pública como “um lugar outro”; resistências e práxis. Ana Beatriz procurou estudar a questão da mulher negra no ambiente escolar, provocando entre alunos e alunas a reflexão sobre a existência e a condição da mulher negra na sociedade e como a sua força contribuiu para formação de jovens do ensino médio.

André Gomes estudou no território da Maré, zona norte do Rio de Janeiro e no território da Tijuca, também zona norte do Rio de Janeiro, a questão de raça e gênero em escolas públicas. Procurou provocar no formato de roda de conversa como

a comunidade escolar discutia a questão de raça e gênero no seu dia a dia. Este trabalho de certo modo produziu alguns efeitos na comunidade escolar, a ponto de nos eventos temáticos nas escolas, a questão racial e de gênero terem um maior destaque. No entanto, em Belo Horizonte, Luciene Antunes busca estudar a questão da dororidade, sororidade e suas influências na potencialidade escolar no contexto da juventude negra no Brasil. Luciene procurou trabalhar com jovens em situação de encarceramento que tinham na escola a sua oportunidade de produzir perspectivas para seus projetos de vida como Negras.

Cleber Ribeiro no município de Nova Iguaçu, baixada fluminense no Rio de Janeiro procurou trabalhar o deslocamento das representações sociais sobre famílias moradoras de periferias na construção participativa do projeto político pedagógico. Cleber buscou pensar sobre a representatividade de todos os atores no processo de construção projeto político pedagógico da escola. Por outro lado, no território de São Paulo Vinebaldo Aleixo procurou estudar sobre “saberes que gingam; experiências educativas no centro integrado de Educação de jovens e adultos – CIEJA Campo Limpo. Vinebaldo buscou entender os movimentos culturais deste centro integrado e sua relação com a cultura negra no Brasil.

Lady Cristina, no território de Nilópolis, procurou estudar “Narrativas de jovens estudantes; negritudes e saberes. Lady buscou estimular dentro do ambiente escolar o debate sobre a questão da negritude e identidade entre alunos e alunas. O trabalho da pesquisadora teve um resultado tão positivo que alunos e alunas da escola a qual estudou, montaram um coletivo chamado Djô, onde se reuniam em uma sala específica, reivindicada por eles, para discutirem questões ligadas a negritude, mesmo depois do projeto ter se encerrado. Entretanto, em Niterói, no bairro de São Gonçalo, Fabio Borges Rosário, Marcelo Moraes e Rafael Lobo estudaram sobre “A filosofia Ubuntu; como educação libertadora nas escolas públicas. Fabio buscou provocar a discussão sobre o espírito de comunidade que deve reger uma sociedade e como o outro na sua integralidade forma um outro sujeito, por isso o cuidado que deve ser importante no trato com aqueles que de algum modo produzem um processo de identificação em relação ao outro.

Finalizando Monica Rocha , em Salvador estudou a questão do estranhamento e desnaturalização do racismo na escola. Monica estudou um centro cultural em Salvador onde alunos de uma escola publica a todo tempo estabeleciam relação com esse espaço , que tinha aproximação com as questões da identidade Negra. Neste sentido, este trabalho desenvolvido por Monica buscou entender a questão da necessidade da escola pública estudar a temática da negritude, a partir da percepção de que este assunto já está de fato consolidado na linguagem dos alunos e alunas que frequentam as escolas públicas.

Todas essas experiências Produzidas pelos(as) pelos(as) pesquisadores(es) gerou um livro onde as investigações foram organizadas a partir das trajetórias de estudos desenvolvidas por cada pesquisador(ra) em seus territórios e suas escolas. O livro em formato impresso e no formato de ebook , teve como título “ Pesquisadoras da educação na escola pública; desafios na produção de conhecimento a partir das periferias. Este trabalho , considerado inédito, teve como desafio provocar professores e professoras a produzirem sobre suas próprias realidades, não necessariamente somente sobre suas práticas , mas foram capazes de levar reflexões e ações para dentro do seu ambiente de trabalho e explorar questões que de fato os atravessavam e que se relacionavam com as realidades as quais estavam inseridos. Mesmo a Uniperiferias sendo uma instituição criada por sujeitos com uma larga trajetória nos movimentos sociais e na academia, este fato foi surpreendente a ponto de gerar interesse pelo Instituto Unibanco de dar continuidade ao trabalho.

No ano de 2020 , o interesse pelo projeto continuou. Neste sentido, diante da pré-disposição e da energia positiva conquistada com o resultado do trabalho , a ideia agora era inserir outras áreas do ensino básico neste processo de produção de conhecimento sobre raça , gênero e equidade. Neste sentido, a Uniperiferias construiu um outro edital convocando, além de professores e professoras do ensino, convocou também professores e professoras dos primeiros anos iniciais a submeterem seus projetos a fim de estudarem seus territórios e o universo das unidades escolares as quais estavam envolvidos. Cerca de sete professores(as) tiveram seus projetos selecionados e tiveram quatro pesquisadores(as) do projeto de pesquisa anterior, como interlocutores, ou seja , estes agora seriam os orientadores dos projetos os quais fariam parte deste novo ciclo de estudos

Nesta nova edição de pesquisa a proposta foi dividir os estudos por eixos como : territórios , raça e gênero e o eixo intitulado “outros encontros”. Assim , tivemos como pesquisadores(as) no eixo território, Aline Martins trabalhando o tema “ A escola é um quilombo”? Aline buscou estudar no ambiente de sua unidade escolar a capacidade da comunidade pensar no conceito de quilombamento desenvolvido por Abdias do Nascimento. Procurou construir ações na sua unidade escolar que levassem alunos e alunas a pensarem sobre a questão. Danieli Balbi(Dani Balbi) desenvolveu junto do território de Manguinhos o trabalho sobre “ Novas práticas, velhos compromissos: o trabalho pedagógico com narrativas áudio visuais e seu impactos em mulheres negras.

No eixo raça e gênero tivemos Natalia Romão e Rosália Romão produzindo o trabalho “Porque sou todas elas”: Aqualtunes, (re)conexões ancestrais e escrevivências Pretuguesas de alunas negras do espaço escolar noturno. As duas pesquisadoras provocaram alunas a pensarem sobre trajetórias de mulheres negras que marcaram a construção da identidade negra no Brasil. Ao fim do trabalho as alunas foram perguntadas qual seria o melhor título do trabalho , no que as alunas responderam: “ somos todas elas professora”, dando então o título final de seu trabalho de pesquisa. Nesta mesma direção, Andressa Cristina desenvolveu um trabalho sobre a literatura afro-brasileira e a escrita negrofeminina como forma de consciência racial e gênero nas aulas de literatura brasileira. Andressa , trabalhou com escritoras negras brasileiras e suas influências na literatura. Além disso, em suas atividades praticas junto a pesquisa , trouxe a linguagem do islã para dentro da escola tendo como eixo principal artistas e escritoras femininas sobre a questão.

O último eixo chamado de “outros encontros” , teve como proposta de trabalho a pesquisa de Geisa Giraldez , professora dos primeiros anos iniciais que desenvolveu o tema “Guerrilha de imaginários : uma metodologia de fronteira”. Neste trabalho Geisa trabalhou com crianças dos primeiros anos iniciais o imaginário sobre a cor , produzindo outros elementos simbólicos que pudessem ajudar a seus alunos e alunas a repensarem o universo da cor em seu processo de reconhecimento do mundo. Neste mesmo universo dos anos iniciais , William Correa trabalhou a Ciência do afeto com o trabalho “ Cadê o abraço coletivo?” Ciência do afeto e clima escolar : (re) pensando as masculinidades negras na escola pública. William procurou pensar a partir de um estudo qualitativo e quantitativo o quanto o afeto pode de

fato produzir um resultado onde , principalmente alunos negros e negras podem se beneficiar desta questão, produzindo desta forma um outro rendimento escolar.

Quando chega o ano de 2021 a Pandemia tomou conta da vida de todas as pessoas. Entretanto havia ainda a possibilidade do projeto ser desenvolvido. A Uniperiferias construiu um edital que tinha como objetivo entender como as escolas receberam a proposta de pensar raça , gênero e equidade ao longo desses três anos de trabalho. Como não era possível ir até as escolas, outras estratégias foram construídas. Questionários pelo Google forms foram construídos e encaminhados para professores , direções e coordenações escolares das escolas , rodas de conversa on line com alunos e alunas foram construídas mesmo em meio as grandes dificuldades tecnológicas que muitos deles enfrentaram. Encontros on line com as direções e coordenações das escolas foram também realizadas. Além disso , este trabalho teve um cunho qualitativo e quantitativo pois buscou entender o número de professores(as) negros(as) nas escolas , assim como as direções. O resultado deste trabalho deu origem ao livro impresso e no formato em Ebook sob o título “ Ecrevivendo diálogos com a escola pública : por projeto de educação antirracista e democrática”, sendo que uma versão deste mesmo conteúdo foi produzida no formato de outro livro “ ÒWE : demarcando identidades e suleando novos olhares”, com uma linguagem direta para alunos e alunas do ensino médio.

Considerações Finais

Todas estas experiências foram marcadas pela busca de construção de novas tecnologias que pudessem ampliar no ambiente das escolas públicas, novas práticas que pudessem ajudar a repensar a questão racial nos ambientes escolares. Entretanto, podemos ver que, para além da prática, novas reflexões sobre a questão étnico racial no campo da educação foram experimentadas. Outra questão importante foi o exercício da não imparcialidade por parte daqueles que produziram o trabalho de pesquisa. Todos eram negros, negras, oriundos de territórios periféricos e foram capazes de escreverem sobre si e sobre suas realidades, estudando-as na prática e ressignificando o universo o qual estavam inseridos. O resultado dessa experiência foi que alguns deles como Fabio Borges, Geisa Giraldez, Natalia Romão, Rosalia Romão, William Correa, ingressaram em programas de Doutorado ao longo do processo de pesquisa, demonstrando o quanto esses sujeitos e sujeitas foram marcados pelo seu processo de produção de conhecimento.

Outra questão importante é entender o quanto um processo tão rico de produção de conhecimento foi e continua sendo produzido fora do ambiente acadêmico com qualidade e muita substância, nos provocando a pensar onde de fato estão também outras produções de conhecimento, demonstrando não ter somente a academia como a principal referência neste processo. Importante sob meu ponto de vista é a construção da interlocução e reconhecimentos de espaços de saberes, que estão nas margens, ou seja, sendo produzidos em espaços periféricos, extremamente adversos como é o território da Maré no Rio de Janeiro. A Uniperiferias por exemplo, tem uma ilha de edição independente e já produziu mais de vinte livros em formato impresso e em ebook sobre personalidades negras e periféricas. Por outro lado, este trabalho aponta para a construção de pistas dentro do contexto da educação, que ajudem na construção de estratégias antirracistas que ajudem no combate à discriminação racial.

Referências Bibliográficas

BRAGA, A.; TEIXEIRA, L. (Org.). Território Inventivo. Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2020, p.119. Disponível em:

<http://of.org.br/wp-content/uploads/2020/05/E-book_Territorio_Inventivo.pdf>
Acesso em: 25 set. 2021.

. A escola e o mundo do aluno; estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola. Rio de Janeiro: Garamond, 1 ed; 2014.

_____. Cidade Território e Cidadania. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 48, n. 1, 2005, pp. 189-222.

DUBET, F. O que é uma escola justa? - A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. A Sociologia da Experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DURKHEIM, É. Educação e Sociologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

VANNA, Douglas , RIBEIRO, Luciana, SANTOS , Patricia Elaine Pereira;

Pesquisadoras da educação na escola pública : desafios na produção de conhecimento a partir das periferias: Rio de Janeiro , editora Morula 2019.

Pesquisadores da educação básica : Germinando ações e saberes nas escolas públicas periféricas ; Diversos autores; Eduniperferias , Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Ana Beatriz ; Escrevendo diálogos com escola pública : por um projeto de educação antirracista e democrática. Eduniperferias, Rio de Janeiro , 2022.